

Título: O ensino secundário: problemas de vocação e preparação profissionais.

Autor: Maria Margarida Macedo Silva, curso de Pedagogia de Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra

RESUMO

8

- 1) - O problema da vocação profissional e sua relação com a formação profissional; necessidade de uma orientação profissional pela criação de Institutos próprios.
- 2) - A preparação profissional; exame do actual estado dessa preparação nas nossas Universidades.
 - a) A preparação científica; suas vantagens; a incompetência científica de alguns professores particulares; a deficiente preparação científica das nossas Universidades.
 - b) A preparação pedagógica; vantagens; a incompetência de uma boa preparação pedagógica - teórica e prática; exame do estado actual dessa preparação nas nossas Universidades; a incompetência pedagógica de alguns professores particulares.
 - c) O exame de aptidão ao estágio, crítica da actual orientação dada a esse exame.

Conclusões :

- 1) - O problema da vocação está intimamente relacionado com o da actual preparação profissional.
- 2) - A preparação científica, tal como é ministrada nas nossas Universidades é insuficiente.
- 3) - A preparação pedagógica teórica e prática dos professores do ensino particular é nula.
- 4) - O actual exame de admissão ao estágio não tem razão de existir atendendo aos moldes em que está feito.



Algumas sugestões para uma reforma ideal :

- 1.ª) - A orientação profissional pré-Universitária, a orientação profissional de cada especialidade dentro das Universidades em ordem a dar uma boa formação científica; ~~o~~ curso de ciências pedagógicas à altura das exigências actuais como boa preparação pedagógica teórica, o estágio sem necessidade de exame de aptidão, o exame de estado como método de selecção de professores oficiais e particulares.
- 2.ª) - A orientação profissional; a criação de Escolas Normais Superiores nos moldes dos Teachers Colleges dos Estados Unidos da América.

Na impossibilidade de uma reforma total imediata, sugestões para uma reforma parcial que atenda às necessidades mais urgentes; tornar obrigatória para professores particulares a actual preparação científica das nossas Universidades; tornar obrigatório o Curso de pedagógicas ministrado nas universidades; tornar obrigatório o estágio aos Liceus, dando ao exame de aptidão uma orientação que permita verificar as qualidades pedagógicas de cada um, dado que não existe orientação profissional, selecção de professores oficiais e particulares por meio das classificações obtidas no exame de estado.



O ENSINO SECUNDÁRIO

PROBLEMAS DE VOCÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAIS

- oOo -



por

Maria Margarida Macedo Silva

Fundação Cuidar o Futuro
Licenciada em Humanidades

na

Faculdade de Letras

da

Universidade de Coimbra

- oOo -

Coimbra-1953



Ao falar-se em problemas de formação profissional entre nós, não pode subentender-se uma selecção de vocações, dado que isso não corresponde à realidade actual. Por isso mesmo abordarei, primeiramente, o problema da vocação porquanto, a meu ver, ele é a pedra de toque de muitas deficiências da actual preparação profissional de futuros mestres do ensino secundário.

Passemos por alto aqueles que frequentam as Universidades sem sentirem vocação para o estudo e, detenhamo-nos, apenas, naqueles que hesitam entre este ou aquele curso. É evidente que essas pessoas não estão à altura de decidirem das suas aptidões para esta ou aquela profissão, e que esse mal só poderia ser remediado por um Instituto de Orientação Profissional.

Simplesmente, a existência de tal Instituto entre nós ou é ignorada ou quando conhecida resulta ineficaz por razões de ordem económica. E, compreende-se que assim seja, pois um habitante do Norte e do Centro do País pode não ter possibilidades de ir até Lisboa receber as Orientações do referido Instituto. E, para os do Ultramar e ilhas adjacentes o problema ainda se complica mais.

Creio que só a criação de Institutos de Orientação Profissional em Lisboa, Porto, Coimbra, nas capitais das ilhas e províncias do Ultramar resolveria a questão.

Deste modo, evitava-se que muito boa gente andasse a perder o seu tempo, e dinheiro em Universidades, quando poderiam aplicar um



e outro na aprendizagem de outras profissões que nada têm de indignas pelo facto de corresponderem a um grau social menos elevado.

Mas, parece-me que um católico de boa formação não pode fazer depender a dignidade duma profissão da categoria social a que a mesma pertence.

Passando ao problema da formação profissional dos futuros mestres de ensino secundário, importa dizer o que, neste campo, se entende por preparação profissional.

A meu ver ela comporta duas partes : a formação científica e a formação pedagógica. Nesta podemos, ainda, distinguir o aspecto teórico e o prático.

Examinaremos, agora, rapidamente, o modo como nas nossas Universidades é feita essa preparação profissional.

Sem uma orientação pre-universitária que permita decidir com segurança qual o curso a seguir, o candidato a um diploma de Letras ou Ciências, ingressa numa determinada secção das referidas Faculdades. Aí, passa a frequentar aulas onde seria utópico ver uma orientação específica em ordem a esta ou aquela profissão, pois que os alunos se destinem ao magistério ou não, é-lhes administrada a mesma dose de conhecimentos.

Anexa a esta formação científica há um curso de formação pedagógica teórica, apenas exigido aos que tencionam ingressar no magistério liceal.

Obtido o diploma, o licenciado que não quer sujeitar-se às



contingências do actual exame de aptidão ao estágio, ingressa no ensino particular, tendo por bagagem uma preparação científica deficiente e, uma formação pedagógica equivalente a zero. Os diplomados que pretendem dedicar-se ao ensino oficial sujeitam-se a um exame cuja preparação é insuficiente quando feita nos 3 meses que mediam entre a licenciatura e o referido exame. A vastidão desse programa temos de acrescentar o carácter contingente da prova escrita, onde a preparação do aluno é avaliada através duma pergunta única em cada disciplina. Assim se explica a percentagem de reprovações, sendo de notar que esta não podem explicar falta de aptidões pedagógicas dado que as provas não são orientadas no sentido de inquirir acerca das mesmas.

Os que, ao fim de duas ou mais tentativas ultrapassam essa barreira terrível - refiro-me ao exame de aptidão - sujeitam-se ao fim de 2 anos de prática a um exame de estado, cujo resultado deve ser mais ou menos correspondente à competência profissional de cada um.

É este o quadro geral; analisemos, agora, cada aspecto desse quadro, mostrando as vantagens do deve ser e, as deficiências do é.

Começemos pela preparação científica.

Creio que ninguém tentará negar que a formação profissional destituída de preparação científica - profunda e completa - nunca será ideal. Que lamentável seria se a extensão e profundidade dos conhecimentos do professor não fosse além daquilo que tem de ensinar. Em que divergiria a sua formação da do aluno, quando este conhecesse



todos os pontos do programa que aquele lhe houvesse ministrado?

Como explicar que seja essa a posição de alguns professores do ensino particular? sem falar no prejuízo económico que o exercício do ensino por tais incompetências profissionais traz aos licenciados, temos as consequências para os alunos. Se o professor possuir, apenas, noções elementares das disciplinas que vai ensinar, está sujeito a transmitir erros. Creio que este problema não é só de competência profissional mas também de dignificação da classe.

É ocasião de saber se o diploma conseguido pelas nossas Universidades aos que se destinam ao magistério secundário, é índice duma preparação científica perfeita.

A falta de orientação profissional específica, a que acima aludi, creio que é suficiente para mostrar a imperfeição duma orientação que não separa as tarefas de investigação das do ensino. A tarefa do professor não é apenas informativa mas também formativa. A sua preparação científica deve, pois, consistir numa sólida cultura geral, orientada para todos os problemas que interessem à sociedade contemporânea, nada do que é humano lhe deve ser estranho, só na medida em que ele for o homem do seu tempo e de todos os tempos é que não terá atraído a sua missão.

Quanto à necessidade duma preparação pedagógica, como parte integrante da formação profissional, é evidente pelo princípio de que saber muito não implica ensinar bem.

A inteligência e a preparação científica não podem suprir a falta duma boa preparação pedagógica, e, todos nós conhecemos factos bem



demonstrativos desta verdade. O valor pedagógico dum mestre não pode ser avaliado pelos chamados "alunos brilhantes" mas pelos resultados médios obtidos.

Se há programas a ensinar há métodos próprios para o fazer e, a quem quer que de lições pela 1.ª vez põe-se o problema : "Como vou ensinar isto" ? o que equivale a dizer que método hei-de seguir ?.

E então surgem uma série de tentativas que redundam numa perda de tempo para o aluno.

Porque razão há-de ser esta atitude normal do professor do colégio ? Não seria mais proveitoso para o aluno ter um mestre que saiba fazer uma explicação prática de determinados métodos adequados ao ensino das diferentes disciplinas.

Isto pressupõe, portanto, uma preparação pedagógica teórica e prática, que infelizmente, não é exigida aos professores dos colégios. Aqui, como na preparação científica o problema é o mesmo : se a missão é a mesma a competência exigida também o deve ser. Confesso que ignoro se o Curso de Ciências Pedagógicas das nossas faculdades está ou não à altura das necessidades actuais, isto é, se corresponde ou não a uma preparação pedagógica teórica suficiente, mas se não corresponde total, pelo menos corresponde parcialmente a uma necessidade de momento e, portanto, não se compreende que não seja exigido aos futuros professores do ensino particular o diploma de tal preparação.

A mesma exigência devia ser feita quanto à parte prática da preparação pedagógica.

Aqui surge o problema do exame de aptidão do estágio. Qual a ra-



ção de existência dum tal exame se a orientação que o juri lhe dá não é de molde a verificar as qualidades pedagógicas dum indivíduo ?

Do exposto conclui-se :

- 1.º - Que o problema da vocação esta intimamente ligado ao da preparação profissional.
- 2.º - Que a preparação científica dos professores tal como é ministrada nas nossas Unigversidades é insuficiente.
- 3.º - Que a preparação pedagógica teórica e prática dos professores de ensino particular é nula.
- 4.º - Que o actual exame de admissão ao estágio, não tem razão de existir atendendo aos moldes em que está feito.

A meu ver um plano ideal de reforma seria o seguinte :

Criavam-se possibilidades da orientação profissional pré-universitária ser uma realidade para todos os candidatos, fundando institutos com esse objectivo em Lisboa, Porto, Coimbra, capitais das Províncias do Ultramar e das ilhas adjacentes.

A orientação dos cursos destinados ao magistério não seria, como actualmente, igual à dos que não tem esse objectivo. Por outras palavras : esses cursos teriam uma orientação profissional específica de cada secção. Esta preparação científica seria acompanhada duma preparação pedagógica teórica, que satisfizesse as exigências da educação moderna. A parte prática da formação pedagógica - o estágio portanto, seria feita, como actualmente nos liceus, sem haver necessidade de exame de aptidão. O exame de estado, efectuado no fim do estágio, poderia ser índice da formação profissional dado que pressu-



punha uma boa preparação científica e pedagógica. O ingresso nos Liceus ou nos Colégios seria determinado pela classificação obtida nesse exame.

Existindo orientação pré-Universitária, o problema também poderia solucionar-se com a criação de Escolas Normais Superiores, onde à maneira dos Teachers Colleges dos Estados Unidos, Curso de metodologia especial acompanha ou melhor confunde-se o ensino de cada especialidade.

Mas, evidentemente, que uma reforma total pode realizar-se após estudos feitos por pessoas competentes. O mesmo é pressupor que a sua realização não será para estes tempos mais próximos. Mas, parece-me que o facto de não ser possível para já, uma reforma total não implica que se não possam tentar reformas parciais tendentes a atender as necessidades mais urgentes.

Fundação Cuidar o Futuro

E uma das necessidades mais urgentes é o problema da preparação profissional dos professores do ensino secundário particular.

Já que, de momento se lhes pode exigir uma orientação profissional, exija-se-lhes a actual preparação científica das nossas Universidades que embora deficientemente é sempre melhor do que nenhuma.

Quanto à parte pedagógica teriam de frequentar o Curso de Ciências pedagógicas e, fazer o estágio tal como é exigido aos professores do Liceu.

Pode objectar-se que o facto de se tornar obrigatório o estágio para todos os mestres do ensino secundário não soluciona totalmente o problema das incompetências profissionais, dado que sem orientação profissional continuará a haver vocações falhadas.

Sem dúvida, mas atendendo a isso é que preconiza o exame de aptidão ao estágio. Simplesmente seria necessário dar a esse exame de aptidão uma orientação no sentido de averiguar das qualidades pedagógicas do indivíduo. Assim, remediar-se-ia parcialmente a selecção pedagógica, dado que não existe a tal orientação pré-universitária.

Seria vantajoso também dar a este exame o carácter de contingência, dado pelo sistema de pergunta única para cada disciplina.

A classificação obtida no exame de estado determinaria o ingresso em Liceus ou em Colégios. E, creio que esta solução parcial nivelaria a competência do professor oficial e particular, cuja missão, seja-me permitido afirmá-lo mais uma vez, é a mesma.



Fundação Cuidar o Futuro